

# LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: ecos da pós-modernidade

Neide Medeiros Santos - UFPB\*

"Nunca aprendi a leitura das mãos, mas, se as  
contemplo acerto, sempre pela fantasia."  
(Bartolomeu Campos Queirós)

## Resumo

Este trabalho procura detectar algumas linhas mestras da literatura infantil brasileira a partir dos anos 70, como: a intertextualidade, a paratextualidade, autotextualidade e metalinguagem. O corpus analisado compreende livros de Jó Oliveira, Angela Lago, Bartolomeu Campos Queirós, Lygia Bojunga Nunes e Marcos Bagno.

## 1 DO SUBTÍTULO

Antes de iniciarmos nossas considerações a respeito dos elementos pós-modernos presentes na literatura infantil brasileira, gostaríamos de justificar a escolha do subtítulo - ecos da pós-modernidade.

A palavra ECO, entre outros significados, indica repetição mais ou menos distinta de um som, vestígio, recordação, memória. E com o sentido de vestígio que a empregamos. Os ecos da literatura infantil brasileira na pós-modernidade representam traços inovadores que se repetem de forma constante em livros de autores infantis nos últimos dez anos. Entre estes elementos reiterados, destacamos: a intertextualidade, a autotextualidade, a metalinguagem e a paratextualidade.

No que se refere à pós-modernidade, os conceitos dos teóricos Lyotard, Tristão de Athayde, Teixeira Coelho e Jair Ferreira dos Santos ajudaram a compreender melhor este momento históricocultural.

Para Jean François-Lyotard (1988, p. XV): "A palavra pós-moderna é usada no continente americano para designar o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras da ciência, da literatura e das artes a partir do século XIX".

Tristão de Athayde que durante mais de 50 anos exerceu a crítica literária no Brasil, em artigo veiculado na Folha de São Paulo (23/08/1982) (1), considerava o ano da publicação de Sagarana (1946), como data-marco do pós-modernismo. Para este crítico, o movimento modernista tinha sido marcado pela originalidade estilística e nacionalismo temático: o pós-modernismo se caracterizaria por traços universalistas ou culturalistas.

Teixeira Coelho (1986, p. 59-61), vislumbra afinidades na forma e no conteúdo entre as palavras pós-moderno e pós-industrial. O final da Segunda Guerra Mundial e o começo da era da TV marcariam o início da pós-modernidade. Mas, levando-se em consideração aqueles que defendem a necessidade de explicitar a pós-modernidade no campo da produção cultural, ou de forma mais específica, na área da estética, afirma o teórico brasileiro: "Neste caso, a sensibilidade pós-moderna surgiria apenas em algum momento dos anos 60".

---

\* Professora de Literatura Infante-Juvenil no Curso de Mestrado em Biblioteconomia e no Curso de Letras da UFPB João Pessoa - PB

Jair Ferreira dos Santos (1991, p. 41) nos chama a atenção para o aspecto intertextual da literatura. A leitura de textos pós-modernos exige conhecimentos de outros textos.

## **2 DA INTERTEXTUALIDADE, DA AUTOTEXTUALIDADE, DA METALINGUAGEM E DA PARATEXTUALIDADE**

O texto literário não existe isolado, ele se alimenta de outros textos. Um livro está preso a outros livros, a outros textos. E este estar no outro que chamamos de intertextualidade.

Na autotextualidade o autor retoma seu próprio texto e lhe dá uma nova roupagem. Affonso Romano de Sant'Anna (1985, p. 82) emprega autotextualidade com sinônimo de intratextualidade e explica: "É quando o poeta se reescreve a si mesmo, parafrasicamente".

A metalinguagem é uma linguagem que fala da própria linguagem. Para, François Vanoye (1985, p.55): "A função metalinguística está centrada sobre o código e tudo o que, numa mensagem, serve para dar explicação ou precisar o código utilizado pelo destinador concerne a essa função".

Gérard Genette (1982, p. 9) denomina de "Paratextos" as epígrafes, as notas marginais, os subtítulos, as ilustrações, os prefácios e outros sinais acessórios que integram a obra literária. Estes elementos têm suscitado o interesse dos pesquisadores, principalmente os que se debruçam sobre a crítica genética.

## **3 DOS ECOS DA PÓS-MODERNIDADE**

Tomamos a intertextualidade, a autotextualidade, a metalinguagem e a paratextualidade como elementos da pós-modernidade. Vamos tentar demonstrar como estes elementos estão presentes na literatura infantil brasileira produzida a partir dos anos 80.

Selecionamos os seguintes livros: "O pavão misterioso" (1987), com ilustrações e textos de Jó Oliveira; "Sua alteza a Divinha" (1990), texto de Angela Lago e desenhos feitos pela autora em microcomputador; "Ciganos" (1982), texto de Bartolomeu Campos Queirós e ilustração de Túlio Alvim; "A troca e a Tarefa" (1985), conto de Ligia Bojunga Nunes, inserido no livro "Tchau", com ilustrações de Regina Yolanda; "O Papel Roxo da Maçã" (1990), texto de Marcos Bagno e ilustrações de Cláudio Martins.

A intertextualidade em "O Pavão Misterioso" está bem visível na capa. Abaixo do título, vem a primeira informação intertextual: adaptado da literatura de cordel. Outros sinais de intertextualidade: na contracapa - Jó Oliveira (versão e ilustrações). Por versão se entende a mesma estória narrada em comunidades diferentes. Na apresentação do livro, vem mais uma referência que nos indica a fonte pesquisada pelo autor para recontar a estória:

"Adaptado do Cordel Romance do Pavão Misterioso de João Melquíades Ferreira e de José Camelo Rezende".

No que se refere ao texto, Jó Oliveira, através do processo de reescritura, cria um ambiente nordestino para o desenrolar da estória. O protagonista Evangelista e o irmão João Batista não residiam na Turquia, como no folheto, mas em uma fazenda no Nordeste. Para dar uma caracterização mais autêntica, Evangelista se apresenta como um vaqueiro nordestino.

A presença de dois repentistas, no foral da estória, que animam os festejos do

casamento de Evangelista com Creusa, confirmam, mais uma vez, a incorporação de elementos da cultura nordestina.

Perseguindo também a linha da literatura popular, vamos encontrar o livro de Ângela Lago - "Sua Alteza, a Divinha", rico em marcas intertextuais.

Um trabalho da autora - "Intencionalidades da Ilustração" (3), apresentado no Seminário Literatura Arte. Educação - Biental Internacional do Livro, em agosto de 90 fornece inúmeros dados que comprovam o seu vínculo com as características pós-modernas.

Vejamos algumas passagens do mencionado texto:

"Chamo este conto de SUA ALTEZA A DIVINHA, por que conta a estória de uma princesa que era ótima em adivinhações e resolve só se casar com alguém a sua altura" (4).

Mais adiante, ela prossegue:

"Como se tratava de um conto folclórico, decidi manter um caráter antigo nos desenhos. Alguma coisa que lembrasse as xilogravuras usadas, por exemplo, na literatura de cordel" (5).

Para conseguir esta lembrança do trabalho de ilustradores antigos, parti de xilogravuras, sobretudo de um trabalho de Ritcher do princípio do século que coloquei no computador através de um scanner. Seria um pouco artificial para mim utilizar as xilos nordestinas, que não têm muito a ver com minha estória pessoal. Já o trabalho de Ritcher provocava evocações da minha própria infância, dos livros que li enquanto criança (6).

Recriação de um conto folclórico, ilustrações a partir de um trabalho de xilogravuras e o uso do computador para ilustrar o livro, tudo nos leva ao acasalamento intelectual/pós-moderno.

Em "Ciganos", Bartolomeu Campos Queirós utiliza, com muita propriedade, o recurso autotextual.

Glória Pondé e Eliana Yunes (1988, p.113), em comentários sobre este livro, chama a atenção do leitor para o "jogo intratextual".

Vejamos a concretização do processo: "Ciganos" apresenta duas estórias: a dos ciganos e a de um menino. Estas estórias estão separadas por um traço que divide de forma simétrica, as páginas do livro ao meio, mas deve ser lida de forma entrelaçada. Há trechos que aparecem em uma página e na página seguinte reaparecem com algumas modificações.

Examinemos:

a) "Durante o dia os ciganos martelavam o cobre, assentados em torno da fogueira, peitos nus, construindo tachos que eram quase de ouro e de tantos tamanhos. Por muitas vezes, o sino da igreja se integrava às batidas dos martelos e desse surpreendente dueto, a cidade, como a poesia, ficava indefinida". (7)

Na página posterior:

b) "Por seguidas vezes a sua solidão se misturava aos ruídos do chicote do pai, nas costas. E desse surpreendente dueto também ele não sabia a dor maior, se a da carne ou a dor do coração" (8)

Elementos textuais:

a) "... os ciganos martelavam o cobre".

- b) "aos ruídos do chicote do pai nas costas.  
 a) "... e desse surpreendente dueto, a cidade como a poesia, ficava indefinida.  
 b) "E desse surpreendente dueto também ele não sabia a dor maior se a da carne ou a do coração".

Explicar o processo do fazer literário tem sido constante na pós-modernidade e Lygia Bojunga Nunes utiliza, com frequência, este recurso em seus livros.

O conto "A troca e a tarefa" demonstra, mais uma vez, a preocupação da autora com a função metalingüística. Neste conto, de forma poética, Lygia estabelece os elos que ligam o escritor ao seu processo de escritura. Escrever é um ato de transformar.

A explicação dada pelo personagem/narradora deste conto revela o que é transformar. Vejamos:

"Achei tão bom poder transformar o que eu sentia em história que eu resolvi que era assim que eu queria viver: Transformando. Foi por isso que eu virei escritora".

As idiossincrasias do escritor são bem palpáveis nestes dois excertos:

a) "Levantava cedo (levanta cedo), tomava café (com leite), escovava os dentes (já pensando o que eu ia escrever), fechava a porta (não sei transformar de porta aberta), e começava:" (10)

b) "Não sei transformar com máquina, só sei virar a mão: apagando, riscando, sentindo o cheiro do lápis (na hora de fazer ponta então?)" (11)

Não saber transformar de porta aberta não saber transformar com máquina e só saber virar a mão são índices reveladores das idiossincrasias da personagem/narradora (do escritor).

Observamos ainda que, no primeiro excerto apresentado, as expressões colocadas entre parênteses retificam o tempo verbal. O imperfeito do indicativo, com valor de aspecto freqüentativo é substituído pelo presente do indicativo, pelo gerúndio e por perífrases verbais com equivalência de tempo presente. A substituição imperfeito/presente confere maior verossimilhança à narrativa.

Além do emprego da metalinguagem, Lygia também reutiliza, neste conto, a mensagem enviada em 1982 a ABBV (*Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil*) em comemoração ao dia Internacional do Livro Infantil (2 de abril). O texto "Livro: a troca" (12) escrito para aquela ocasião se transformou em "A troca e a tarefa". Os dois textos: o depoimento e o ficcional atestam o grande apreço que a autora tem pelo objeto livro, pelo ato de escrever.

"O papel roxo da maçã", de Marcos Bagno, traz uma belíssima epígrafe de Bartolomeu Campos Queirós, que consideramos um elemento paratextual.

"O primeiro livro que li foi o papel roxo da maçã que meu pai trazia como presente de longas viagens. A gente punha o papel roxo sob o travesseiro, sentia o cheirinho e ficava imaginando uma terra onde brotassem macieiras".

Sabemos que uma epígrafe não é colocada em um livro ou trabalho de maneira aleatória, ela tem a sua história, por isso procuramos saber de Marcos Bagno (13) qual o motivo da escolha da epígrafe, e ele nos contou que quando esteve em São Paulo em 1988 para receber o prêmio Nestlé assistiu, durante a Bienal de Literatura, a uma mesa redonda de literatura infantil, onde vários escritores davam o seu depoimento pessoal a respeito de como haviam entrado em contato com a literatura e com os livros. O depoimento de Bartolomeu foi o que mais lhe comoveu. Neste depoimento, Bartolomeu revelou que o papel roxo da maçã tinha sido seu primeiro livro de leitura. Morando em uma cidadezinha do interior mineiro, sem livros e sem bibliotecas, o papel roxo da maçã era um amigo que lhe contava histórias e transportava o menino para longas viagens. Quando ouviu as palavras de Bartolomeu, Marcos Bagno pensou, inicialmente que o "primeiro livro que li

foi o papel roxo da maçã" se tratasse de um título de um livro e chegou a lamentar não poder usar tão sugestivo título. Ao compreender, depois, que se tratava apenas de uma "imagem poética", resolveu, ali mesmo, no auditório da Bienal, que escreveria um livro infantil com aquele título - "O papel roxo da maçã" – que contaria a história de uma criança que ouvia coisas no papel da maçã.

Aqui está a história da epígrafe, mas o livro contém muitas outras sutilezas, como: transcrições de poemas do próprio autor (autotextualidade), inserção de um poema de Cecília Meireles (intertextualidade) e discussões em torno do fazer literário (metalinguagem).

#### 4 DA CONCLUSÃO

Os livros apresentados atestaram vínculos com obras anteriores. Jó Oliveira, em "O pavão misterioso", fez uma adaptação de um folheto de cordel; a autotextualidade se faz sentir nos livros de Lygia Bojunga Nunes e Bartolomeu Campos Queirós; os depoimentos de Angela Lago e Marcos Bagno comprovam a presença de traços intertextuais. Para concluir, resta-nos lembrar palavras de Nichel Schneider (1990, p. 378):

"O texto é palimpsesto, incluindo e revestindo outros textos, incorporando junto com eles, mas o próprio autor é feito de sobrecargas de rasuras, de textos esquecidos". (14)

### ***BRAZILIAN CHILDREN'S LITERATURE: echoes of postmodernity***

#### ***Abstract***

*This article seeks to identify some of the principle themes in Brazilian children's literature such as intertextuality, paratextuality, - autotextuality and metalanguage, taking 1970 as its starting point. The body of literature analysed includes books by Jó Oliveira, Angela Lago, Bartolomeu Campos Queiros, Lygia Bojunga Nunes e Marcos Bagno.*

#### NOTAS

1. Esta observação de Tristão de Athayde se encontra no livro *Moderno e Pós-Moderno*. cf: COELHO, Teixeira. **Moderno e pós-moderno**. Porto Alegre: L & Editores, 1986, p. 99.
2. OLIVEIRA, Jó. **O pavão misterioso**. Brasília: CEF, 1987, p. 6.
3. LAGO, Angela. **Internacionalidades da ilustração**. São Paulo: Seminário Literatura Arte e Educação - Bienal Internacional do Livro, 1990.
4. Id., *ibid.*, p. 4
5. Id., *ibid.*, p. 8
6. Id., *ibid.*, p. 8
7. QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Ciganos**. Belo Horizonte: Miguilim, 1982. p. 9.
8. Id., *ibid.*, p. 10.

9. NUNES, Lygia Bojunga. A troca e a tarefa. In: **Tchau**. Rio de Janeiro: Agir, 1985, p. 58
10. Id., *ibid.*, p. 59.
11. Id., *ibid.*, p. 60.
12. O texto "LIVRO: a troca" se encontra em "Livro: Um encontro com Lygia Bojunga Nunes". cf: NUNES, Lygia Bojunga. **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. Rio de Janeiro: Agir, 1988 p. 7-8.
13. Marcos Bagno: um esteta da palavra. Entrevista concedida a Neide Medeiros Santos (Recife, março de 1992. A ser publicada).
14. SCHNEIDER, Michel. **Ladrão de palavras**. Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Tradução de Luiz Fernando P.N. Franco. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 375.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **O papel roxo da maçã**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1990.
- COELHO, Teixeira. **Moderno e pós-moderno**. Porto Alegre: L & P. Editores, 1986.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris, Seuil, 1982 (co 1. Poétique).
- LAGO, Angela. **Sua Alteza a divinha**. Belo Horizonte: RIIJ. 1990.
- \_\_\_\_\_. Internacionalidades da ilustração. São Paulo: Seminário Literatura Arte Educação - Bienal Internacional do Livro, 1990.
- LYOTARD, Jean François. **O pós-moderno**. 3. ed. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 1988.
- NUNES, Lygia Bojunga. **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. Rio de Janeiro: Agir, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Tchau**. Rio de Janeiro: Agir, 1985.
- OLIVEIRA, Jó. **O pavão misterioso**. Brasília: CEF, 1987.
- PONDÉ, Glória; YUNES, Eliana. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD. 1988.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Ciganos**. Belo Horizonte: Miquilim, 1982.
- SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrases e Cia**. São Paulo: Ática, 1985.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SANTOS, Neide Medeiros. **Marcos Bagno um esteta da palavra**. Recife, 1992.

(Entrevista concedida a Neide Medeiros Santos).

SCHEIDER, Michel. **Ladrão de palavras**: ensaios sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Tradução Luiz Fernando P. N Franco. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.